

Outra Pauta

Oficina de Reportagem

JUNÇÃO DE ELEMENTOS JUÁ PARA NÃO ENJUÁ

✎ Mirielly Ferraça (Jornalismo - UNIPAR)

♪ "Venha vamos cantar, para as nuvens negras que o vento faz ao tocar as notas os acordes dessa linda mas amarga falsa mas verdadeira... vida". ♪♪

♪ "E se tudo for verdade? E se tudo for mentira?/
Perdeu-se a liberdade/ Ganhou-se o dia-a-dia!". ♪♪

♪ "Se eu for você então/ o que será de nós?
Nessa ilusão que o tempo leva/
ganho um motivo para não me entregar/
A plenos corações/ a batida marca de
fogo as estações/ de um novo tempo e lugar/
silenciando o que não dá pra escutar". ♪♪

O que acadêmicos dos cursos de Letras, Psicologia e Engenharia Civil podem ter em comum? Um gosto afinadíssimo pela arte de fazer música. A mistura desses três cursos distintos fez com que nascesse a banda Juá. Formada há um ano, iniciou a pouco o rito das apresentações pela cidade.

Tudo marcado!

Rafael Ruiz diz: Marcamos o ensaio amanhã para as três...

Mirih diz: humm

Rafael Ruiz diz: Se você quiser vir aqui em casa lá pelas 14h40...

Mirih diz: Beleza Rafa, passo sim!

Rafael Ruiz diz: Beleza!

Em pleno domingo chuvoso fui acompanhar um dos ensaios da banda, eles têm até um charmoso estúdio improvisado, onde se reúnem, sempre que possível.

EDITORIAL A DIFÍCIL ARTE DE DAR A VOZ

colabora para que isto aconteça. Dar-se conta dessa glossolalia que transborda das páginas matinais é algo que introduz na formação de um jornalista uma perspectiva de superação do destino que o grande rebanho legitima passivamente. Sem questionar as próprias regras que regem sua produção, um jornalista não se habilita a questionar qualquer outra regra que regula a vida em sociedade. Aí está a condição como exercício para qualquer crítica: em primeiro lugar, a auto-reflexividade. Por mais que a vida de um jornalista se desenvolva nos bastidores dos rituais que fundamentam o cotidiano, quem se dedica a esta difícil arte de dar a voz não está fora, separado da sociedade. Não pode estar. Aliás, estar fora, apartado, afastado, são todos sentidos que se sintetizam no que há de definitivo enquanto trágico no termo "alienado".

Articular essa dimensão de emergência de sentidos que permeiam o social de forma latente é o horizonte pelo qual se pode pensar o jornalismo não simplesmente como legitimação de uma realidade de mercado. A dimensão acadêmica da formação de profissionais de imprensa implica na afirmação desse imperativo ético. Só assim se pode formar alguém para atuar nas páginas, auto-falantes e monitores que amplificam as vozes desse sentido maior que o social sempre faz irromper por entre os recortes ideológicos dos discursos. Para que a linguagem jornalística não seja reduzida a mera expressão de um discurso de poder, revertendo-a como concretização de um exercício liberdade que traduz a potência das palavras no poder discursivo que reconfigura a própria relação dos indivíduos com a realidade. ✎

Continua p. 2 ▶▶

É uma polifonia. Uma multiplicidade de vozes. Não há como ser diferente no jornalismo – essa difícil arte de dar voz ao que de outra maneira não teria condições de se expressar em sociedade. Tornar manifesto de alguma maneira o que subjaz como potência do inconsciente. O crítico Mikhail Bakhtin chamava isto de glossolalia – termo que em sua origem é de extração religiosa e que diz respeito à emergência de expressões em uma "língua estranha", desconhecida. "Falar em línguas". Glossolalia, num contexto psiquiátrico, significa também a fala desarticulada que se manifesta em condições patológicas como a esquizofrenia.

Por mais que se tente controlar a fala de um jornal através de procedimentos padronizados segundo rotinas de produção, o resultado sempre vai ser a emergência de um sentido produzido para além desses mecanismos. Até mesmo o mais alienado dos jornalistas

Segunda-feira, 17/11/2008 - Paraná
Ed. 31 / Ano 1 / Turma 2

Continua p. 2

ANTES DO ENSAIO...

Rafael: - Tem que acertar o bumbo e o baixo, cara. Como você tá fazendo? Luiz: - Taram taram taram... Rafael: - Ah, então tá certo. É assim mesmo! - Temos que acertar os vocais também. Jean: - Verdadel

DURANTE A ENTREVISTA...

Outra Pauta: Toda banda tem uma história, como e quando surgiu a banda de vocês? Luiz: Temos a banda desde o ano passado. Foi meio engraçada a forma como nos conhecemos. Eu conheci, na verdade, a mãe do Rafa, trabalhei com ela. E foi em um projeto musical da Unipar, que decidimos nos reunir e tal. Rafa: Não sei cara, a minha versão é diferente. Nós estávamos nesse evento musical, quando o Luiz começou a falar sobre o Miguel, um professor de teatro, dizendo que estavam pensando em fazer uma banda com músicas próprias. Ai eu disse: Ah, eu tenho músicas próprias já, acho que dá pra começar. E tem o Jean também que toca Baixo.

Marcamos então um ensaio na Unipar. Até que foi bom para um primeiro ensaio. Luiz: Foi legal. Rafa: Depois marcamos outro na casa do Jean e assim começamos...

Jean: A minha versão também é um pouco diferente. Na verdade, quando eu conheci o Luiz, já fazia dois anos que eu estava procurando alguém para tocar. Decidi ir ao festival musical para procurar alguém bom e interessado. E nos encontramos no xerox, decidimos e marcamos para ensaiar, trocamos telefone e tudo.

Rafa: É mesmo, a gente nunca conversou sobre isso. Que coisa mais subjetiva. OP: Qual o objetivo da banda? Rafa: O objetivo, a princípio, era tocar cover para ganhar dinheiro, somente depois tocar nossas próprias músicas.

Jean: É, quando nos reunimos, nos ensaios, pensávamos em tocar cover, mas depois mudamos de idéia. Rafa: E foi no FUGU a nossa primeira apresentação, esse evento une diversas artes e é promovido pela Baiacu, uma associação cultural da cidade. Mas ainda não tínhamos certeza se queríamos ou não tocar cover ou músicas produzidas pela banda. Foi nessa apresentação que mudamos nossa linha, decidimos tocar só músicas nossas.

Jean: Não foi só pelos aplausos, mas pela gente mesmo. Luiz: Foi um baque. Não pensei que fosse me sentir tão maravilhado. Rafa: Foi bacana. Depois recebemos até proposta para entrar no projeto Baiacu.

Luiz: É muito bom você ouvir alguém dizendo "Nossa tá legal. Que bacana". Os aplausos, esse reconhecimento é bom. Motiva. O público é tudo. Sem ele seria como a guitarra sem o cubo.

OP: E quanto ao gosto musical, vocês têm afinidade? Rafa: Temos um gosto musical parecido. Los Hermãos, Cood Play, Pink Floyd, Djavan, Engenheiros do Hawaii, Cordel do Fogo Encantado. Trabalhamos com aquela coisa de não deixar explícito. Um bom trabalho é deixar a idéia sutil. A música da banda é quase uma mistura de MPB com rock...

Jean: Elas influenciam pela idéia. Rafa: Não, péra aí. Não é bem MPB com rock... Não sei explicar... Tentamos buscar uma originalidade, uma identidade. Eu não quero reproduzir, quero fazer uma coisa nova, juntar elementos.

OP: Acabam ocorrendo conflitos entre vocês, brigas? Rafa: A gente nunca brigou e nem tem motivo para brigar. Jean: Acontece de idéias não baterem, mas chegar a brigar, não. Rafa: Sempre há muito diálogo entre nós. Luiz: Buscamos sempre ter bom senso. Visamos o bem comum para ter uma harmonia no grupo e poder passar isso ao público.

Uma infinidade de bandas nasce diariamente. Não com o intuito de apenas fazer sucesso, mas com a vontade que corre nas veias de se deixar levar pelos embalos de uma boa música. Com a vontade de passar essa mesma energia sentida por quem toca, para quem ouve. A música é muito mais que uma boa letra, ritmo, entonação, acordes, combinação, sucessão de sons, silêncio. A música é sentimento!

“Mas se quer saber/ que caminho trilhar/ procure dentro de você/ que encontrará.”

MENINA NA BATERIA

ONE, TWO. ONE, TWO, THREE, FOUR!

Bruna Hissae/ Oficineira Turma 1 (Jornalismo - UNIPAR)

Energia criativa, transformada em trabalho. O nome mais apropriado deveria ser estampado em forma de palíndromo resultando em: Z-AIOPRTNE. O som atravessa as paredes da casa dela em um movimento uniforme, em um som seqüencial, modulado à frequência da batida firme da bateria, marcado pelo rife da guitarra, do tom doce do baixo, tudo associado à voz marcante dos cantores de rock 'n' roll.

July Azevedo tem 22 anos. Não aprendeu tocar enquanto criança, mas quem sabe possa ser considerada um fenômeno, ou talvez um ponto de referência nesta cidade. Quantas meninas, ou melhor, quantas mulheres você conhece que tocam bateria? Pois bem, deixe-me apresentar novamente: July Azevedo.

Baterista por opção e futura arquiteta por profissão, aprendeu a tocar bateria aos 15 anos e desde então não parou mais. Já passou por diversas bandas dos

mais variados estilos: Ympolite, Molo-tov Girls e agora está na ENTROPIA-Z. Banda que deu início a caminhada no começo deste ano. A baterista tem um gosto bem eclético. Escuta de Slayer à Legião Urbana. Em apresentações já tocou heavy metal, grunge, rock, pop. Antes que alguém resolva fazer alguma piadinha cretina, deixo claro que ela toca Painkiller do Judas Priest.

“As pessoas estranham uma mulher tocando bateria. No início quando eu tocava heavy metal, escutava coisas do tipo: Uma menina na bateria? Sai daí!”

Em encontros semanais era possível ouvir, há certa distância da casa dela, o som cover e composições próprias, feita pelo guitarrista da banda, Aj Olivera – fundador da banda junto com a July. Já faz algum tempo que os vizinhos não escutam o som que ecoa da casa dela. A banda está sem vocalista. Uma ótima oportunidade para quem gosta de música, curte um rock 'n' roll e é claro, tem o dom de cantar.

Além de cantar bem, July aconselha que o vocalista precisa ter uma dose de paciência, afinal para ser vocalista é preciso enfrentar alguns obstáculos. “Sempre vai ter alguém gritando ‘toca Raul!’ Quando não se tem músicas dele no repertório você acaba achando estranho. Só que muitas vezes as pessoas gritam só para encher o saco e zoar com os caras da banda. Temos que aprender a lidar com isso”.

Para quem quiser escutar o som da banda Entropia-Z e até mesmo se candidatar para comandar o vocal da banda, entre no blog do Outra Pauta (www.outrapauta.wordpress.com) e veja o link de acesso para o site e para a comunidade do orkut deles.



Foto: Duhalme/Agência

VIZINHOS

HARMÔNICOS DECIBÉIS NO QUINTAL

Bruna Hissae/ Oficineira Turma 1 (Jornalismo - UNIPAR)

Boom, boom, boom, boom.

Era um som ensurdecedor que marcava o ritmo para mais de 20 músicos na banda daquela escola. Alinhados em quatro longas fileiras, trombonistas eram responsáveis por nos conduzir pelo pátio nos ensaios. Seguidos por trompetes, saxofones, clarinetes, marimbas, repiques até chegar aos bumbos que soavam compassadamente.

O período de 07 de Setembro era sempre o mais esperado, sempre. Tanto pelos alunos, que faltavam as aulas para participar dos desfiles, quanto para os músicos que precisavam arrumar e providenciar o uniforme. Era uma correria para provar as becas e os queques – aqueles uniformes maravilhosos que nos deixavam parecidos com soldadinhos de chumbo.

Nós usávamos um jaleco azul royal, com ombreiras vermelhas, costuradas com linha dourada, que combinava com a cor dos botões daquela roupa estranha. Até hoje me lembro daquele quepe, azul do mesmo tom, com uma espuma coberta por penas vermelhas que ficavam rígidas na vertical, como se você andasse com um sinalizador na cabeça. Era estranho ter que colocar um prato de papel dentro dele, para que ele não engolisse todo o meu rosto.

Nesta banda comecel tocando caixinha, igual aquela de bateria, com a diferença que era amarrada na minha cintura. Depois tive que aprender toda aquela parte de teoria musical. O professor usava uma técnica, um tanto quanto arcaica, para que pudéssemos aprender. O aprendizado era baseado na “decoreba”, mas eu aprendi muito e lembro de muita coisa até hoje: O que pauta?

É um conjunto de cinco linhas e quatro espaços que serve para escrever as notas musicais.

OUVINDO A PROSTITUTA

QUEM NUNCA PECOU QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

Pela porta, a entrada! Paraíso...ou inferno...você decide!

Não há nada de mais olhar. Mãos levantadas ao céu. Ritual satânico, ou puro delírio? Isqueiros, celulares, lanternas e afins. Todos ligados. Aesços.

A escuridão local não é vencida pelos precários objetos de iluminação que dançam nas mãos cheias de um ritmo contagiante. A música invade os lábios e os converte, eles cantam o refrão em um sorriso maquiavélico nos homens e, claro, angelical até na mais amoral das garotas presentes.

A música ribomba em cada ouvido presente como se os mesmos fossem o som de um morcego a sobrevoar a caverna sem ver os obstáculos ao redor. Nada é empecilho. Tudo é som. Tudo é música.

Música remete à liberdade da alma. Esta só é liberta com o perdão, mesmo que isto signifique o perdão de si próprio.

Perdão lembra pecador. Pecador me faz pensar em Maria.

Não sabemos o ano do nascimento nem da morte de Maria. A bíblia não relata isso, talvez o dado aparente não ter nenhuma relevância religiosa, moral ou histórica.

O que sabemos é que Cristo a libertou da morte por apedrejamento, enquanto era acusada de um ato libidinoso com um homem casado. Também é fato bíblico que a mesma meretriz, já arrependida, foi banhar os pés do rabino com um perfume caríssimo e, tempos mais tarde conversou com um anjo ao encaminhar-se à lápide de Jesus e por isso foi a primeira a ter conhecimento que seu mestre ressurgiu da morte.

Para alguns, o nome dessa personagem da bíblia, representa a remissão dos pecados. Basteiras feitas no decorrer da vida podem ser perdoadas, não importa o tamanho das falhas. Para outros ela é apenas uma prostituta, talvez não a primeira, mas sem sombra de dúvidas a meretriz mais famosa da história.

Outros, quando escutam seu nome, trazem à mente e traduzem em sua boca um dos refrões qualquer da banda com o mesmo nome da célebre prostituta: Maria Madalena.

Essa sim! Banda cascavelense criada por quatro colegas de cursinho em 1991, que se reuniram querendo fazer música, sem ao menos saber tocar nada, na garagem de um dos integrantes.

Mas qual o motivo desse nome? Essa pergunta já deve ter sido feita dezenas de vezes para a banda. Mas como é o nosso primeiro contato, não podemos deixar de fazer esta pergunta a eles. E quem nos responde é o empresário e vocalista da banda Alison Melchior: “No começo o nome era só de sacanagem, para homenagear a mais famosa das prostitutas. Hoje também tem conotação de arrependimento, hoje se você fizer qualquer coisa e se arrepender a sociedade te perdoo”. Alison é o único dos amigos que, 17 anos depois, ainda pertence à banda. Claro que a banda não ficou todo esse tempo “no ar”, pode-se assim dizer. Mas é um tempo respeitável pra uma banda na ativa.

A banda lançou seu primeiro trabalho, uma fita cassete demo, em 1994. Com o passar do tempo foi se modernizando, passando para o CD e para o MP3. Este último formato é o único disponível para o terceiro CD da banda. As músicas podem ser baixadas no site do grupo, que mantém a mesma formação desde 2001.

Por que disponibilizar o álbum em formato digital e sem custo nenhum? Primeiro devido a falta de gravadora e distribuidora para os CDs, além disso, o grupo tem uma maneira muito peculiar e bonita de ver a vida de músicos, “o artista tem que ganhar dinheiro com os shows, não com venda de CDs”, afirma Alison.

A banda recentemente postou cliques no Youtube por achar que o melhor caminho para se divulgar a música hoje é pelo vídeo. Os vídeos-clipe não têm nada de incomum, alguns parecerem até bem caseiros (desses que eu e você podemos fazer em casa), mas com um diferencial: as composições são próprias da banda. Além das disponibilizadas no site, eles ainda contam com cerca de trinta composições, algumas a gravar, outras já terminadas. Isso mostra a determinação do grupo, apesar de todos possuírem outros empregos, eles se reúnem, em geral, uma vez por mês para ensaiar.

Nesta última semana eles ensaiaram mais. Este mês eles se apresentarão duas vezes, sendo que uma é no Encontro Internacional de Motociclistas em Guaíra (14) e a outra no Square Bar (29).

A banda continua crescendo mais a cada dia, e se torna cada vez mais conhecida na região sul do Brasil e em especial no Paraná. Se você está curioso para saber mais sobre essa banda, acenda seu isqueiro, levante ao céu, e acesse www.mariamadalena.com.br. Baixe as músicas e aproveite pra ir aos shows, vamos legitimar o que é nosso, o que é Cascavel.

RIMA E DELÍRIO

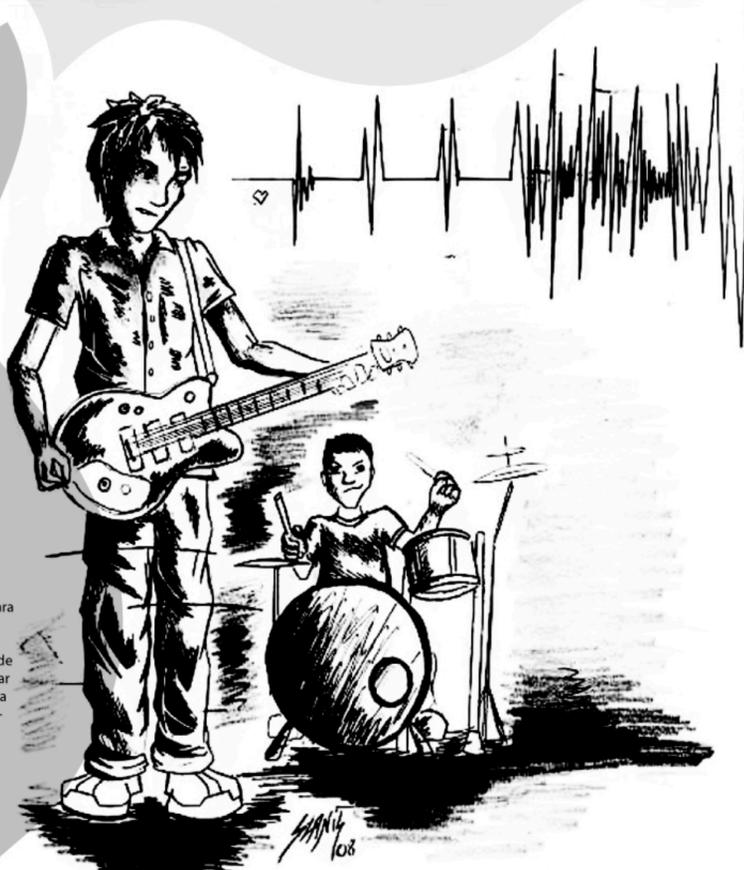
COM A LIBERDADE EU FAÇO A RIMA

Leandro C. Navarro (Jornalismo - UNIVEL)

Há aproximadamente dois anos, a faculdade convidou os alunos do curso de jornalismo para uma atividade fora da instituição. O local desde o início chamou a atenção dos mais de 20 alunos que se aventuraram por lá. O destino era a PIC (Penitenciária Industrial de Cascavel), onde detentos apresentariam uma peça teatral intitulada “Esperando... ando... ando...”

O esquema de segurança era forte, na portaria deixamos nossas identidades e os objetos proibidos no interior do presídio. Já do lado de dentro, a cada passo a curiosidade dava força para resistir à vontade de sair dali. As grades e os corredores vigiados causavam náuseas, uma estranha sensação de perda. Uma angústia se instaurou em vários visitantes que imaginavam, com certo desprezo, como seria viver ali.

A apresentação correu como o esperado, os policiais que cuidavam da segurança não tiveram com o que se preocupar. No meio da apresentação um detento tomou a cena, chamou uma convidada que realizava trabalhos voluntários na penitenciária e fizeram algumas rimas. Na verdade foram mais que simples rimas. Elas falavam sobre família, liberdade, direitos e outra chance. De forma clara, explicitou sua liberdade perdida, e o desejo de ter uma segunda chance. Alto e forte, aparentava uns 90 quilos, na época com 25 anos, 6 deles do lado de dentro das grades. Fazia rimas, fazia rap, MC Michel.



“eu preciso dessa chance, vou mostrar que um ex-detento pode mudar por si próprio”.

O Rap é caracterizado por ser um estilo forte, de atitude, onde os MCs fazem críticas ao sistema, causas sociais, desigualdades e minorias. São geralmente pessoas que vivenciam estas situações de perto e as retratam em rimas unidas com uma batida. Michel diz que as letras devem sempre alertar a nova geração sobre os perigos que elas podem enfrentar nas ruas, deve servir como alerta aos problemas sociais como violência e drogas.

“Mas tu também tá ligado que nós temos um dom, faltou alguém que acredite, tu pode crer, que nos ajude a gravar nosso CD, mas acredite na humildade e eu tenho pique, com dinheirinho, minha gata e um maverick”.

Michel gravou algumas de suas músicas em um pequeno estúdio aqui de Cascavel. Simples, mas consegue dar uma idéia de seu potencial. Ele é um dos poucos cantores de Rap que encontramos, e o primeiro de Cascavel com letra própria. Ele conta que participava de um grupo de dança de rua, às vezes cantava, até que despertou o interesse em fazer Rap com letras próprias. Hoje ele é conhecido na cena e se apresenta por vários locais da cidade. Há alguns dias foi a Toledo representar a cidade juntamente com o também MC Anderson, do grupo Visão Periférica. “O Anderson é meu parceiro, às vezes a gente canta junto, mas estamos em caminhadas diferentes, ele tem o grupo dele” complementa.

“Todo mundo tá ligado que nós somos assim, irmãos de fé, acredito em mim, eu não quero mais vingança nem uma revanche, estilo de rua, rua, nós só queremos uma chance”.

Michel canta em suas rimas o desejo de ter uma segunda chance na vida, para mostrar seu valor por meio da música. Ele não culpa a sociedade, mas diz que ela tem sua parcela de responsabilidade, por isolar e não dar oportunidade digna aos cidadãos que necessitam. Ele está há nove meses em liberdade. Está estudando e conseguiu um emprego com a ajuda de amigos. Busca um futuro melhor que seu passado. Com 27 anos, diz que é possível mudar. Só quer uma chance.

“Nós só queremos uma chance, o Rap sai do pensamento e eu não vou desandar, eu quero só desabafar”



Foto: Duhalme/Agência

Patch
Work

—“A vida do homem sem qualidades são inúteis as injunções morais. E, arriscando-me aqui a ser inatual ou, na melhor das hipóteses, compreendido com atraso, é ela, essencialmente, que nos interessa. “A mais profunda das subversões não consiste obrigatoriamente em dizer aquilo que choca a opinião, a lei, a polícia, mas em inventar um discurso paradoxal”. Essa observação de Roland Barthes, a respeito de Sade, merece reflexão. Com efeito, o paradoxo, em seu sentido mais estrito, é o pró-

prio da vida comum. Repousando na empiria, esta última é, estruturalmente, polissêmica. Não possui um sentido determinado, mas sentidos que são postos à prova e vividos à medida que vão surgindo. É propriamente isso que deveria interdizer-nos o espírito sério e sua conseqüência direta: a *paranóia*. O saber ligado à “razão instrumental” é um saber ligado ao poder. Ao homem de conhecimento só convém um tipo de “Inação vigilante” (Raymond Abellio) que era, em seu momento fundador, o próprio da “*scholê*”, a saber, o lazer estudioso. Assim fazendo, o conhecimento, deixando de lado o poder e sua *libido dominandi*, pode ficar atento à potência popular, ao seu lento crescimento e à sua irredutível postura.

É estando desapegado em relação aos diversos ideais impositivos e universais, é estando enraizado no ordinário, que o conhecimento responde melhor à sua vocação: a *libido sciendi*. Por que não dizer: um saber erótico que ama o mundo que descreve. Assim, pela purgação do geral, da Verdade, daquilo que é tido como correto, pode encarar-se o plausível e os possíveis das situações humanas. Uma deontologia tal, no sentido indicado pouco acima, não se pode simplesmente afastar com as costas da mão.

(MICHEL MAFFESOLI, EM “ELOGIO DA RAZÃO SENSÍVEL”)

O INÍCIO

THE BEVERLY HILLBILLIES

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

Música! A leitura da alma. Como arte e vida. Junção de alma e coração. Além do simples, de qualquer sentimento, transcende qualquer fronteira. Encanta a qualquer um. Não importa o ritmo, o canto, o tom. É ‘RÉ’ dali, ‘DÓ’ daqui, ‘MI’ de acolá. E mesmo assim é música. Defino música como um bem universal, que a cada qual se faz necessário a sua maneira e singularidade.

APRESENTAÇÃO:

Ficha sonora singular:

- Jardel Riedl Guilherme - 21 anos
- Curso: Engenharia Civil - Vocal e Violão
- Henrique Perissato Mangialardo - 22 anos
- Curso: Medicina - Bateria
- Renan Menezes - 21 anos
- Curso: Publicidade e Propaganda - Baixo de Pau

O que ambos têm em comum: Todos são de Curitiba. E gostam de música.

Com todas essas informações em uma única junção está para surgir a banda: *The Beverly Hillbillies*. Com um estilo musical *Rockabilly*, *Psychobilly* e *Hillbilly*, um estilo totalmente diferente do que se ouve aqui em Cascavel, eles juntam tudo isso e compõe seu próprio jeito musical. Renan comenta que aqui em Cascavel é muito difícil ter lugar para ouvir *Rock and Roll* - “aqui é só sertanejo, o Henrique é um cara que adora sertanejo”. Já percebi quando ouvi o CD que eles colocaram para tocar, me veio à mente um som *country*, Alan Jackson. (risos)

Como não sei nada sobre esse estilo, além do que os meninos da banda me passaram, busquei informações no endereço mais procurado em situações como essa, o *www*, a internet. Um breve resumo do estilo *Rockabilly* segundo o site Wikipédia: “*Rockabilly* é um dos inúmeros subgêneros do *rock and roll*. Tornou-se conhecido durante os anos 1950, devido a artistas norte-americanos. Durante aquela década, o gênero foi impulsionado por batidas atrativas, guitarras e contrabaixos acústicos que eram tocados usando a técnica *slap-back* - batendo nas cordas, ao invés de puxá-las individualmente”.

Renan já tocou na Orquestra Federal do Paraná, e também na Embap: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, aonde cursou música por um tempo, mas desistiu. Jardel é o autodidata da banda, aprendeu a tocar sozinho. E Henrique toca desde muito pequeno.

A entrevista continua. Entre risadas, conversas, devaneios. Os garotos me receberam gentilmente. Meu gravador não desgrudava de mim, sempre com a luz vermelha acesa, que diz: estou de ouvidos atentos a tudo o que está sendo dito.

Porém, em uma cidade onde a maioria do público ouve sertanejo, ainda arrisquei perguntar a Renan se Cascavel teria público para esse novo estilo. “Não, aqui não, mas a gente quer tocar porque é divertido. É *hobby* mesmo, *diversão*”. Ele pondera que tem pessoas que conhecem esse estilo, mas superficialmente. Talvez com o tempo as pessoas

Nem tampouco se haverá de esvaziá-la pela habitual conspiração do silêncio. É certamente tentador. E é freqüente que acadêmicos e jornalistas, cada um em seu domínio respectivo, lancem mão desse expediente. De fato, é mais cômodo ceder às facilidades da mídia, adotar construções teóricas cujos contornos já sejam conhecidos. Mas, como toda endogamia, esta tem seus limites, e seus perigos já começam a poder ser apreciados. O principal deles é ficar-se, cada vez mais, desconectado da realidade da qual se deseja dar conta. Está entendido: nada mais resta a esperar do saber estabelecido. Sem distinguir tendências, ele vinculou por demais sua causa ao exercício do poder. E mesmo criticando-o, ficou-lhe por demais contradependente. O interesse, agora, está noutro lugar”.

comecem a gostar mais. Eu mesma sou um exemplo disso, ao ouvir música do estilo *country* associei ao estilo dos meninos, não é exatamente igual, mas parecido. “Agora no carnaval em Curitiba vai acontecer um dos maiores festivais do mundo de *Psychobilly*, provavelmente nós vamos pra lá, vamos assistir. Várias bandas de *Hillbilly* e *Rockabilly* tocam lá, é bem bacana”.

A idéia de montar uma banda, segundo Jardel, começou no início desse ano. “Sempre em conversar de bar”, disse Henrique.

Quando questionei quais as bandas que eles têm como modelo. Nossa!!! Surgiram muitos nomes. A maioria norte-americana. Tantas palavras em inglês até se embaralharam na minha mente. Nomes que eu desconheço por fazer parte de um estilo com o qual não estou habituada.

Digo! Foi uma entrevista de umas duas horas, em uma tarde de sábado. Muita informação importante e nova para minha cabeça absorver. Nunca ouvi tanto inglês em uma única tarde. Bem mais do que numa aula de inglês de ensino médio. Eles não puderam tocar para eu ouvir, não tinham todos os instrumentos ainda, faltava a bateria, mas pude ouvir as músicas semelhantes ao estilo musical da banda. Durante a entrevista, inclusive, eles estavam discutindo formas de como adquirir a bateria. Sim. A banda está apenas no começo. Como disse o Henrique ela ainda não saiu do papel. Mas creio que vai sair. Para encerrar a entrevista, disse a eles:

- Quando ficarem famosos me chamem para os shows!

Até temo ter cometido algum erro no texto, mas foi positivo o contato com esse estilo tão diferente. E viva a música! Música é o remédio para qualquer estresse. ☺

Foto: Juliana Tokarski

